

PIEDADE POPULAR

**UM REPERTÓRIO BIBLIOGRÁFICO,
UM PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO**

Coordenação de
ANA MARIA PINA
ANTÓNIO CAMÕES GOUVEIA
JOÃO CARLOS BRIGOLA

I. UMA VIVÊNCIA DO SENTIMENTO RELIGIOSO

Perspectivas de uma colaboração

Seja qual for a posição de cada um relativamente à expressão *piiedade popular*, ninguém negará a existência de formas de religiosidade que surgem espontaneamente nas comunidades de fiéis. Exprimem sentimentos pessoais e colectivos nascidos de circunstancialismos diversos e que se objectivam de formas variadas. E, não raro – no caso específico do catolicismo – traduzem em termos “humanizados”, porque à medida do homem concreto e situado, o culto perfeito prestado a Deus, pela Igreja, através da liturgia. Isto significa que paralelamente a esta acção sagrada por excelência, manifestação formal de uma unidade de fé e de crença, existem aspectos particularizados desta mesma unidade, quando a relação pessoal de cada um com Deus, se concretiza em acções comunitárias ou com expressão na comunidade. O culto prestado a Deus pela Igreja, enquanto corpo místico, hierárquico, do qual Cristo é a cabeça, conjuga-se, assim, com outras formas culturais nascidas de vivências e conservadas pela tradição.

Como tal, são extremamente significativas para avaliar e

caracterizar a religiosidade ou a mentalidade religiosa em determinado lugar e época. Poderá perguntar-se se, sob este ponto de vista, haverá uma grande diferença entre a construção de uma catedral e de uma ermida? Quando, onde e porquê o culto da Virgem, ou de um ou outro santo terá sido mais praticado? Quais os costumes que acompanham as principais festas litúrgicas e a liturgia própria de actos basilares da vida individual e colectiva, como sejam o nascimento, o casamento e a morte? Porquê a devoção e a destruição de imagens, a sacralidade de certos lugares, a crença em milagres, a organização de peregrinações, a participação em procissões? Como se exprime a gratidão por graças recebidas, se recorda a participação em actos religiosos relevantes, se perpetuam experiências comuns?

Estas e outras questões, resultantes, em última análise, do diferente modo de conjugar valores sagrados com valores profanos, podem formular-se *a priori* a partir dos nove pontos da grelha temática e suas alíneas, segundo os quais se estruturam os dados da pesquisa. Mas podem, sobretudo, tornar-se objecto de investigação específica, a partir das pistas abertas ou deixadas em aberto pelos autores dos textos assinalados e resumidos no *Repertório*. Existe, de facto, conjuntamente com a expressão “oficial” do culto, que é afinal a expressão “oficial” da religião, um leque imenso e riquíssimo de manifestações de religiosidade. E que são afinal aspectos particularizados de um sentir e acreditar “universais”, isto é, de uma vivência religiosa específica.

É certo que a história da liturgia dá a conhecer a adaptação dos rituais às exigências dos tempos, mediante processo de superação de divergências ou de dominância de correntes maioritárias. Deste modo, a liturgia, como expoente do consciente colectivo da Igreja, evolui formalmente de modo a inserir-se na realidade, embora salvaguardando o essencial da mensagem divina e da adoração devida a Deus. Insere-se, por conseguinte, no evoluir histórico, e as suas mutações indiciam-no sob o ponto de vista formal. No entanto, e porque corresponde à busca contínua da perfeita conjugação do essencial e do ritual, de modo a realizar no tempo uma unidade que está para além dele, é extremamente redutora para o estudo do sentimento religioso encarado como uma vivência de múltiplas facetas.

Ora estas facetas – manifestações particulares de uma crença comum – nem constituem factos isolados, nem deixam de estar ligados

à comunidade que lhes serve de suporte. São elementos parcelares de um todo complexo, que será tanto mais inteligível quanto melhor forem conhecidos os laços de continuidade e a descontinuidade dos referidos elementos. E quanto mais preciso for o conhecimento da dinâmica que conduz à sua formação, permanência ou extinção. Sendo assim, não poderão nunca ser considerados apenas como “fenómenos” isolados. Pertencendo a uma realidade que evolui e que, como tal, não tem fronteiras, implicam um estudo comparativo e perspectivado.

Neste contexto, é tão evidente o interesse e o carácter imprescindível de um repertório bibliográfico sobre piedade popular, como ocioso se torna justificar a pesquisa necessária à sua elaboração. O empenhamento dos membros do núcleo C de História das Ideias do Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, em colaborar na iniciativa do C.N.R.S. – Greco n.º 2 (*Histoire Religieuse et Contemporaine*), dirigida pelo Prof. Bernard Plongeron e pela investigadora Paule Lerou, situa-se nas coordenadas acima referidas. Fazer o levantamento de todos os textos publicados em Portugal, nos últimos vinte e cinco anos, com referências nacionais aos temas abrangidos pela grelha temática internacional e publicá-lo como parte integrante de um plano de pesquisa que engloba já, além da França e da Espanha, a Itália, a Grécia e o Canadá, tem pois, um duplo significado.

Antes de mais, oferece aos investigadores portugueses um instrumento de trabalho que lhes dá uma panorâmica dos temas até agora abordados e da amplitude dos estudos já realizados. E permite-lhes iniciar, incentivar e privilegiar projectos de investigação no âmbito da história das ideias, da história da cultura, da história das mentalidades, etc., etc., centrados em aspectos pontuais ou globais de piedade popular. Facilita-lhes, ainda, o intercâmbio de ideias e métodos, assim como a descoberta de interesses comuns e, conseqüentemente, de questões tendencialmente ricas pelo seu impacto social, religioso e até político.

Mas não só. Paralelamente ao que poderíamos chamar a vertente nacional da iniciativa, existe uma outra, derivada do alargamento à escala supranacional das vantagens mencionadas e da “universalização” dos objectivos focados. Deste modo, todos os temas, mesmo os mais circunscritos, ganham uma outra perspectiva, ao serem enquadrados em problemáticas gerais que ultrapassam os limites territoriais. De forma idêntica os estudos comparativos das diversas manifestações de piedade

popular e a interpretação das respectivas dinâmicas tornam-se mais ricas e as conclusões mais pertinentes. Enfim, as áreas específicas de investigação multiplicam-se tendencialmente e aprofundam-se os respectivos conhecimentos.

Em resumo: a particularidade de um repertório bibliográfico nacional ou regional sobre piedade popular, tal como está sendo elaborado, quando integrado num projecto de conjunto, alarga os horizontes do conhecimento da diversidade das práticas culturais pelas quais a comunidade de fiéis participa de uma mesma unidade de fé e manifesta idêntica religiosidade que os actos litúrgicos exprimem por um ritual comum. Contribui, por isso, como instrumento de trabalho, para a compreensão do fenómeno religioso, qualquer que seja a incidência do respectivo estudo. Não é, portanto, questionável o significado cultural da iniciativa. E também, não será decerto posta em causa a sua utilidade, nomeadamente para a comunidade científica que se dedica à investigação sobre temáticas culturais e religiosas de cariz popular.

(Zilia Osório de Castro)

II. ENTREVISTA A BERNARD PLONGERON*

Qu'entendez-vous par "piété populaire" ?

Longtemps on a parlé de "religion populaire" au point de donner lieu à un grand colloque international et interdisciplinaire, dont je fus l'un des initiateurs, en 1977. Les actes publiés en 1979, *La Religion populaire* (Paris, Editions du C.N.R.S., 1979, 449 p. in 4.^o) reflètent bien l'ardeur des débats entre spécialistes d'époques différentes (du Moyen Age à nos jours) et de disciplines qui n'ont pas l'habitude de dialoguer entre elles: historiens, sociologues, iconographes, folkloristes... et même théologiens! Au centre des débats: le problème élites et masses. Qui est "l'élite" et pour quelle(s) masse(s).

Il est vite apparu des désaccords profonds, chacun tenant à ses propres définitions et mettant en cause des structures non seulement mentales et religieuses, mais aussi économiques. Par exemple, à propos

* C.N.R.S., Greco n.º 2 Histoire religieuse moderne et contemporaine. (Recolha escrita)

de l'Europe latine et spécialement de l'Italie, peut-on s'en tenir au couple classique: dominants/Italie du Nord et dominés/Italie du Sud? Il a été prouvé que cette dialectique socio-économique passait également à travers les classes sociales du Mezzogiorno.

À l'évidence, les conceptions héritées du marxisme ne pouvaient à ce sujet s'accorder avec celles de l'école libérale. Ajoutons que les sociologues utilisent des typologies et un vocabulaire qui n'entraînent pas forcément l'adhésion des historiens... et, réciproquement!

Autre sujet d'affrontement: la permanence, les transformations et les ruptures des "modèles" proposés à la vénération des fidèles. Eternelle question pour l'histoire des mentalités sans cesse affrontée à une "longue" et à une "courte" durée. Une autre question de fond a alors surgi: les participants venus des Amériques (Nord et Sud) reprochaient volontiers aux Européens de "regarder la religion populaire dans le rétroviseur" (sic), c'est-à-dire de considérer toute manifestation religieuse, relevant d'un "populaire" (?) comme un objet mort, un élément de patrimoine aujourd'hui disparu ou obsolète dans nos sociétés industrielles. Eux mettaient en évidence, au contraire, des formes de "religion populaire" continuant de nourrir et parfois même de renouveler les dévotions contemporaines.

Le choc entre une conception "passéiste", voire "archéologique" de la religion populaire, et un rôle dynamique dans les expressions de foi au sein des pays en voie de développement ou symboliquement riches d'institutions chrétiennes (le Québec) fut d'autant plus fort que nous étions en pleine polémique dans les années 1968-1978.

Tout avait commencé, en Allemagne et surtout en France, par une formidable campagne autour des rites pastoraux: baptême, mariage, enterrement et surtout la "Première Communion" qu'on appelait encore difficilement "profession de foi". Des théologiens d'avant-garde et des évêques qui se voulaient alors très "post-conciliaires" considéraient qu'il fallait promouvoir une foi "adulte", dépouillée de toute ostentation économiquement coûteuse (les frais des cérémonies supportées par les familles les plus pauvres). Non seulement la demande "populaire" des sacrements était soupçonnée de "superstition" par manque de formation théologique, mais cette "superstition" était, poursuivait-on, entretenue par le decorum des églises (statues, autels surchargés, etc.), par des dévotions suspectes, des pèlerinages aux allures de foires, etc. En somme

on s'en prenait à un paganisme cultivé à l'ombre des rites chrétiens... sans d'ailleurs s'apercevoir que l'histoire de l'Eglise n'a cessé de connaître ce conflit à de multiples époques et spécialement au siècle des Lumières. Il y eut, dans certaines paroisses de France souvent "populaires", de véritables "grèves" du clergé au moment des "premières communions" où, disait-on, l'habit et le banquet l'emportaient sur la cérémonie religieuse, des refus de baptême sous prétexte du manque de foi des familles, etc.

Je puis attester que des personnalités en vue, théologiens et pasteurs, ont refusé de participer à notre colloque, sous prétexte qu'ils n'avaient pas de temps à perdre avec ce "folklore"! Il faudra la première visite de Jean-Paul II en France, en 1981, pour entendre à nouveau l'éloge d'une "religion populaire" bien comprise. Dans le revirement subit de la hiérarchie catholique française s'opéra la première prise de conscience du "traditionalisme", comme palliatif aux "dérives liturgiques et pastorales post-Vatican II... on a tendance à l'oublier maintenant.

Enfin, dans ce contentieux sur la "religion populaire" figurait également la querelle avec les historiens de l'art qui veulent, dans les productions de toutes factures, distinguer des oeuvres "savantes" opposées aux oeuvres "populaires" qu'ils dédaignaient, selon des critères esthétiques qui n'impressionnent guère l'historien des mentalités.

De sorte qu'au terme d'échanges passionnés – par ailleurs féconds par la diversité et la qualité des contributions et de la mise en oeuvre d'un corpus iconographique réuni pour la première fois – les plus sages décidèrent que, si la religion populaire est "ce qui est pratiqué et cru par le plus grand nombre, toutes classes sociales confondues", il s'avérait que le concept de "religion populaire" trop ambigu, trop multiforme, ne conduisait pas à une méthodologie suffisamment sûre et opératoire.

Afin de sortir de l'impasse, l'équipe d'historiens groupés autour de Jean Delumeau, professeur au Collège de France, directeur-fondateur du GRECO n.º 2 (Groupement de recherches coordonnées – Histoire religieuse moderne et contemporaine) du C.N.R.S. (Centre national de la recherche scientifique), proposa un programme de recherche sur la piété populaire du Moyen Age à nos jours. La dénomination "piété populaire" avait un double avantage. D'abord, elle convenait parfaitement à une investigation de type historique tout en continuant de faire appel à des champs interdisciplinaires: iconographie,

musicographie (chants et cantiques), folklore, cette fois valorisé au sens XIXe siècle et non plus déprécié et même sujet à ironie facile pour les doctes du XXe siècle, selon une conception typiquement française et, généralement, hors des disciplines officiellement répertoriées, toute approche pouvant éclairer, préciser, analyser, enrichir la connaissance d'un aspect des pratiques dévotionnelles. Car, et c'est sans doute le point le plus important, le second avantage de l'expression "piété populaire" consiste à ne porter aucun jugement de valeur sur les pratiques, us et coutumes.

Il n'appartient pas à l'historien de juger, mais de comprendre et de rendre compte le plus authentiquement possible de ce que vit, de ce qu'a vécu le peuple chrétien dans les diverses expressions de la foi qu'il entend exprimer. Les hypothèses qui pesaient sur le concept de "religion populaire" provenaient de théories, hypothèses d'écoles, bref de ce qu'il était convenu, dans le langage de l'époque, d'appeler "orthodoxie" confrontée à une "orthopraxie". Tout cela forcément de la part d'esprits habités par des idéologies elles-mêmes porteuses de sélections, c'est-à-dire d'un arbitraire commandant des clivages, des omissions, des occultations qui mutilent la richesse, la complexité, les paradoxes, les prétendues contradictions de l'aventure humaine en quête du spirituel et du sacré.

D'une manière brutale, disons, du moins dans l'Europe occidentale, que la "religion populaire" fonctionne selon des principes inquisitoriaux et est toujours mue par un regard du "haut" vers le "bas"... car enfin qui déclare que ceci est "populaire" ou ne l'est pas? Plus humblement, rejetant tout a priori, l'historien constate et décrit toutes les formes, expressions et modalités jaillies, à un moment donné, d'un groupe de croyants. On remarquera que, dans la grille thématique mise au point, ne figure aucune rubrique "superstitions", ce qui relèverait d'un jugement théologique mais n'est pas du ressort de l'historien.

Somme toute, il n'y a pas seulement entre "religion" et "piété" populaire une différence du théorique au pratique; il s'agit, en vérité, d'une tout autre compréhension du vécu chrétien, dans son approche la plus vaste, dans sa compréhension la plus "sympathique" au sens grec du mot, dans son analyse phénoménologique la plus minutieuse, les manifestations de "piété populaire" sont à prendre telles qu'elles sont, dans le respect absolu des croyants qui les véhiculent, dans la fidélité

intacte à ceux qui les transmettent, dans ce *feeling* aux sensibilités collectives qui rendent l'historien de la piété "intérieur" à son sujet alors que le philosophe, le sociologue ou le théologien de la "religion populaire" peuvent et croient porter un jugement extérieur qu'ils appellent critique et distancié.

C'est ce qui explique, dans la grille, la mention A5 "rapport du populaire et des clercs" chargée de sens, comme vous pouvez maintenant vous en rendre compte.

Quel est l'intérêt d'un Répertoire bibliographique international sur la piété populaire? La réponse est simple et percutante! Il n'existe pas à l'heure actuelle, dans la communauté scientifique internationale, un pareil répertoire répondant aux exigences méthodologiques qui lui sont assignées, alors que nous avons une considérable littérature sur la "religion populaire" douée des qualités... et des défauts signalés précédemment. Ce répertoire bibliographique correspond à la vocation du GRECO n.º 2 du C.N.R.S. à savoir la création d'instruments de travail pour des chercheurs. Pour parler net, ce répertoire n'est pas conçu à l'usage du plus large public, mais pour tout spécialiste ou amateur éclairé désireux de recourir à une première banque de données qui lui facilitera le travail soit pour une monographie, soit pour une histoire comparée entre pays à propos d'un thème déterminé. Insistons sur cet élément de comparaison. Très souvent un chercheur bien au fait des coutumes de sa région, a tendance à considérer que telle forme dévotionnelle, telle création de pèlerinage ou de culte à un saint sont originales ou limitées à son territoire sans pouvoir apprécier ou mesurer les copies, réemplois et diffusions fidèles ou réinterprétées de son modèle. Combien d'erreurs grossières, de déductions fallacieuses trouvons-nous dans des enquêtes locales, très sérieuses mais refermées sur elles-mêmes!

Quels commentaires, en tant que chercheur, vous propose la grille thématique? Pourquoi exclure les sources? Je vais vous faire une confidence. Cette grille thématique a d'abord été conçue empiriquement par Madame Lerou et moi-même. Ensuite nous l'avons testée et fait critiquer par une groupe de futurs collaborateurs de toutes provenances et de toutes confessions religieuses. Ainsi améliorée, je croyais en connaître tous les secrets. Or j'y ai eu recours, cette fois non plus en tant

que superviseur, mais en tant qu'usager: il s'agissait de pratiques populaires autour de la fête de Noël. Etant originaire d'Alsace, je croyais bien connaître les coutumes germaniques entourant notamment l'arbre de Noël. Par acquit de conscience, je me suis tout de même reporté au tome II "Lorraine-Alsace". A ma confusion, par simple lecture des articles et ouvrages sur ce thème, j'ai constaté que ce qu'on m'avait transmis dans ma famille... et ce que j'avais "pratiqué" dans ma jeunesse comme typiquement alsacien, avait une origine plus ancienne et appartenait à une aire culturelle plus vaste que je ne le croyais jusqu'ici!

En ce qui concerne les "sources", vous verrez que la question est largement abordée en A. Ce n'est pas un hasard si nous le traitons sous forme de "problèmes des sources". A ce sujet également, le colloque international de 1977 a été riche d'enseignements. Nombre de participants voulaient distinguer des sources "officielles" que d'autres qualifiaient d' "archives de la répression", à savoir tout ce qui émanait du contrôle ecclésiastique, par exemple les visites pastorales, par rapport aux sources dites "directes, privées, etc.", c'est-à-dire des documents fabriqués par les "pratiquants", par exemple les registres de confrérie. Ne parlons pas des "écoles" dont j'ai dit précédemment les a priori, les sélections et même les modes. L'étude de la piété populaire étant l'art du consensus – à ne pas confondre avec l'amalgame! – il n'est pas question de privilégier une source par rapport à une autre. Encore une fois, méfions-nous de cette fausse querelle entre "savant" et "populaire", entre "illiterati" et "docti"...

Ceci étant, notre répertoire est bibliographique: il n'est pas archivistique, ce qui supposerait un autre corpus conçu différemment, avec d'énormes moyens et pour des résultats sans doute très décevants car qui peut se flatter d'avoir répertorié toutes les sources hors des épôts officiels eux-mêmes très lacunaires?

Abordons un peu votre travail historiographique. En termes personnels comment encadrez-vous votre intérêt pour le Répertoire? Je crois avoir déjà répondu en partie à cette question. Mais je peux insister: en tant que chercheur, j'attends de ce répertoire qu'il soit un véritable instrument de travail, donc de consultation aisée ce qui suppose une lecture claire des thèmes annoncés, le plus complet possible dans la recension des publications ignorées des manuels et synthèses officielles,

et enfin parfaitement suggestif. Un point important: à travers quelques lignes qui précisent l'object de la publication et de son contenu, j'attends aussi qu'elles m'invitent à des idées, à des hypothèses propres à prolonger la recherche. Je sais que je n'obtiendrai pleinement satisfaction qu'en prenant connaissance de l'ensemble du thème qui m'intéresse: cette vue globale me mettra en mesure d'apprécier les constantes, les ressemblances et les différences, autrement dit d'esquisser une véritable dynamique au lieu de rester frustré par la sécheresse de comptes rendus juxtaposés.

Pourquoi le pari du C.N.R.S., Greco n.º 2 sur la piété populaire, en tant que thème de motivation au niveau international? J'aime assez votre terme de "pari". N'est-il pas inhérent à la recherche elle-même? Toutefois si un chercheur isolé a le droit à l'erreur, à l'impasse, il n'en va pas de même pour un directeur de programme qui engage une collectivité et des moyens budgétaires, généralement insuffisants – et c'est le cas! – sur le long terme. Le pari doit, alors, comporter des risques calculés.

Tout cela n'était pas évident quand ce programme sur la piété populaire fut inscrit dans les objectifs du GRECO n.º 2, il y a 8 ans. Je dois à la vérité de dire qu'il n'aurait pas eu de chance sans l'enthousiasme, la compétence et l'efficacité d'organisation de Madame Paule Lerou.

Mais assez vite, on s'est aperçu que ce thème correspondait à une forte demande française et bientôt internationale. Une prestigieuse université canadienne m'a même proposé d'acheter "le programme... et ses cerveaux!" Bien des pays englués dans des thématiques floues de "sociologie de la religion" ou de "popular religion made in U.S.A." ont trouvé là un point d'ancrage, une méthode capable de mobiliser des compétences... quittes à les "recycler" dans les contraintes de l'école française.

Demain (quelle est la date prévue?) une fois achevé le répertoire, que pensez-vous que les groupes de travail créés devront faire? L'avenir du programme est très ouvert. D'abord les groupes de travail qui ont ou qui vont produire leur première publication auront de périodiques "mises à jour" à faire sous forme de suppléments. La bibliographie est en perpétuel devenir. Ces suppléments auront aussi à tenir compte de certains réajustements compte-tenu de l'expérience acquise. Chaque

volume reste perfectible. Ensuite et c'est là une tâche considérable il faudra passer au stade supérieur: celui d'une informatique internationale, après concertation entre les groupes de travail. On est en droit de penser que les enjeux humains, culturels et matériels seront devenus tel que le programme s'inscrira parmi les projet Erasmus de la Communauté européenne.

III. DUAS PERGUNTAS E DEZ DEPOIMENTOS

O centro de História da Cultura, fazendo jus ao seu nome, está aberto a todas as áreas do saber, e dado que um fundo bibliográfico sobre Piedade Popular é de grande importância para vários domínios da investigação, contactámos com alguns investigadores conhecidos pelas publicações ou pelo interesse manifestado por esta temática, colocando-lhes duas perguntas. Identicamente interrogámos os intelectuais que no decorrer das actividades deste ano lectivo foram os nossos convidados no Núcleo de História das Ideias.

O calendário não favoreceu os contactos e, embora não pretendessemos ser exaustivos, a verdade é que infelizmente não contamos com a presença de alguns nomes ligados ao estudo da Piedade Popular.

O mini questionário aborda dois temas: um essencialmente teórico, e outro que se prende com a apreciação do Repertório efectuado em França sob a coordenação do C.N.R.S., integrando um projecto internacional, repertório que serve de modelo para todos os países que nele participam. As perguntas são as seguintes:

1.^a – O que entende por Piedade Popular?

2.^a – Que interesse atribui a um repertório realizado nestes moldes sobre Piedade Popular em Portugal?

JOÃO DE FREITAS BRANCO*
(Professor Convidado da F.C.S.H.)

1.^a Na minha ignorância de não especialista na matéria, nem sequer

* Recolha escrita

na sua ligação à música, digo que piedade popular – pelo menos a relativa a povos europeus – envolve todo o estado de espírito e toda a expressão que, dentro de parâmetros de instrução racional rudimentares, pressonham forças sobrenaturais e a possibilidade de estabelecer relações de algum modo operacionais com elas. Forças entre as quais avulta a ideia de Deus, preponderantemente influenciada pelas doutrinações religiosas, mas sem exclusão de outras, mais ou menos marcadas por costumes e superstições tradicionais (almas de antepassados, poderes ocultos de fecundidade, “anjos” e “demónios” com múltiplas esferas de influência cuja protecção ou hostilidade convém assegurar ou neutralizar). Ao que me parece, o condicionalismo sobrenatural pode conciliar-se com o relacionamento de respeito para com indivíduos ainda vivos – pais, tios, avós, chefes – e instituições reais, religiosas ou laicas. Entendo, no entanto, que a piedade, popular ou não popular, não é redutível a uma categoria tão-só de devoção religiosa e crença supersticiosa, por abranger outras regiões das profundidades psíquicas.

Tenho por especialmente interessantes as manifestações estéticas de piedade popular que resultam dos grandes impulsos vitais e temores humanos: o impulso da procriação e o temor da morte. A um nível iletrado ou quase, com muito espaço livre para criatividades não racionalizadas, penso que as manifestações mais reveladoras são as que exprimem em termos de música e de dança, modalidades por natureza propícias a exteriorizações directas, imediatas, espontâneas, que não sem mudancas e mesmo mutações, vão percorrendo gerações sucessivas e grupos étnicos adjacentes.

Por último, avento que o estudo da piedade popular não deve cingir-se ao domínio rural menos impregnado de “civilização”. Afigura-se-me de interesse que abranja o popular urbano, em toda a sua talvez não menor diferenciação. É mormente nesta área que suponho haver que afinar o conceito de *popular*, ajustando aquilo que chamei “parâmetros de instrução racional rudimentares” aos hoje mais difundidos meios de comunicação social. Será este um dos actuais objectos da investigação científica especializada?

2.^a A atribuição duma grande importância a esse levantamento é corolário da resposta que acabo de dar à primeira pergunta. Resta-me vaticinar o alargamento do período de incidência, tanto no sentido do passado como, para uma incessante actualização de futuro.

LEONOR BUESCU*
(Professora da F.C.S.H.)

1.^a A Piedade Popular é uma relação com o universo transcendente a partir de um posicionamento emocional condicionado por um viver colectivo. Apresenta-se como um fenómeno sincrético e complexo que tem pouco a ver com a catequização da religião oficial. No fundo, é um testemunho da necessidade ontológica da transcendência.

A P. P. encontra-se em todos os níveis culturais e mesmo naqueles que normalmente não se consideram dentro dos parâmetros do popular, isto é, qualquer pessoa, de qualquer nível cultural, guarda pelo menos liminarmente as marcas de uma piedade popular que é simultâneamente ancestral e sincrética.

2.^a Penso que tem o maior interesse por vários motivos, sobretudo se pensarmos em termos da cultura portuguesa. Dentro deste âmbito estamos mais habituados a encontrar sínteses, às vezes brilhantes interpretações e propostas hermenêuticas; todavia, o trabalho paciente e minucioso dos levantamentos e a criação de bases de dados tem sido ou é descurado, tanto no que diz respeito à cultura escrita, como no que diz respeito a esse domínio muito mais hábil e fugidio que é uma cultura não escrita.

Têm sido feitas recolhas de alto valor, nomeadamente no que diz respeito ao Romanceiro Português (Pere Ferré, por exemplo), mas nos restantes domínios da cultura tradicional dispomos de muito pouca coisa, e sobretudo metodologicamente carenciada de rigor, sistematização e carácter exaustivo. Esta situação torna-se tanto mais grave quanto a normalização acelerada da cultura e a intervenção totalizadora dos meios de comunicação social vão, certamente, acelerar também o desaparecimento de uma série de testemunhos que esta década pode ainda preservar e recuperar.

O repertório sobre P. P. entra dentro das urgências culturais pelo que se torna indispensável a constituição de uma equipa dedicada a tempo inteiro à recolha sistemática dos materiais ainda disponíveis em todo o território nacional, e, numa segunda fase, nas grandes comunidades

* Recolha oral

portuguesas situadas no estrangeiro. Como por exemplo citarei as comunidades portuguesas de Newark e Boston onde o culto do Espírito Santo está extremamente vivo, ainda que aculturado com os modelos da espectacularidade norte americana.

As instituições culturais portuguesas vocacionadas para a preservação dos valores patrimoniais têm a grave responsabilidade, que não podem engeitar, de subsidiar o trabalho dessa equipa e financiar o projecto.

MOISÉS ESPÍRITO SANTO*

(Professor da F.C.S.H.)

1.^a Desde logo, eu chamaria religião popular em vez de piedade popular ou religiosidade popular porque é um termo mais neutro. Tanto piedade popular como religiosidade têm uma conotação negativa e parcelar, enquanto a denominação religião popular engloba uma cultura própria e uma visão global da vida e das coisas.

O conceito de religião popular define-se face à religião eclesial, tomado no sentido mais englobante. A religião popular distingue-se facilmente da religião institucionalizadora, digamos, como a cultura dita popular se define face à cultura erudita. A religião popular transmite-se por via oral, nas relações de vizinhança, pela educação tradicional e ancestral, enquanto a religião eclesial se transmite através de catecismos e de teologias eruditas.

Ainda, a religião popular não revela apenas uma classe pobre e iletrada, todas as classes sociais partilham de práticas próprias e ancestrais. No fundo, chamamos religião popular à maneira específica das várias comunidades viverem e praticarem a religião, um pouco à revelia das instituições eclesiais.

Se observarmos na prática, no terreno, os cultos vários da religião popular, vemos que ela engloba uma grande parte que é comum à religião institucionalizada de mistura com práticas de magia e de feitiçaria, as quais, segundo os sociólogos, não são distintas do culto litúrgico eclesial. Todos os cultos festivos de referência religiosa, mitos e crenças, partilham do mesmo fundo religioso.

* Recolha oral

2.^a Penso que é urgente fazer-se um levantamento bibliográfico deste tipo para Portugal, no sentido de se conhecer a extensão e a riqueza da nossa cultura na sua globalidade. Depois, tem o interesse de se reconhecer o valor deste património, tão importante como o património material e monumental, sem referir ainda a importância para os investigadores das várias áreas do saber.

Decorre de tudo o que ficou dito que, à semelhança do que se faz por toda essa Europa, seja importante que as instituições vocacionadas para a preservação da cultura e do património ofereçam as condições necessárias para a efectivação do projecto.

PERE FERRÉ*

(Professor da F.C.S.H.)

1.^a Tenho por hábito, já lá vão uns quantos anos, não escrever sobre matérias que extrapolam o meu saber, contrariando um vício nacional infelizmente tão corrente que faz com que todos falem de tudo sem qualquer pudor. Assim, para não cair em tal tentação diabólica e no mais estrito respeito pela liturgia desta minha religião, remeter-me-ei às manifestações da piedade “popular” no romanceiro tradicional.

No romanceiro, os textos piedosos surgiram no século XVI como transformação do romanceiro profano, vertendo ao divino o que primitivamente fora tão só humano. Deste modo, acções protagonizadas por nobres, cavaleiros ou guerreiros, históricos ou lendários, passaram a ter como figuras centrais personagens das Sagradas Escrituras, fechando-se deste modo o círculo onde o humano e o divino confluíram para constituir a dimensão mais profunda da *pietas* latina, isto é, sob a forma de um sentimento que ilumina e impele a cumprir os deveres para com Deus, a família e a comunidade.

2.^a Dizer que me parece de todo o interesse é, sem dúvida, pouco e injusto para com este projecto. Qualquer projecto tendente a constituir um catálogo bibliográfico deve ser acarinhado pelas instituições que têm como principal função servir com rigor e verdadeira cultura.

* Recolha escrita

Infelizmente, escasseiam autênticos cientistas nas humanidades, tendo-se favorecido muito mais os trabalhos eivados de engenhosas conclusões muito pouco suportadas por sólidos alicerces, do que a morosa e ingrata tarefa de preparar os campos do saber com meticulosas investigações bibliográficas. Esta atitude, convenhamos, só nos desfavoreceu, desprestigiando as letras e remetendo-nos, com razão, para um lugar muito pouco lisongeiro no quadro das disciplinas científicas.

Pressinto uma mudança neste final de século, talvez mais uma questão de *marketing* num tempo em que vender cultura é difícil mas a informação é desejável.

Em conclusão, a universidade portuguesa necessita de mais projectos como este, sob o risco de deixar de o ser.

JOÃO DAVID PINTO CORREIA*
(Professor da F.L.L.)

1.^a Entendo por piedade popular o todo complexo que abrange, em primeiro lugar, a atitude interior – chamam-lhe espiritual, psicológica, mental, religiosa... – do “povo” (entendido aqui como a soma dos indivíduos pertencentes a camadas da população não muito informadas do ponto de vista da instrução, principalmente rural-agrícolas ou urbano-operárias e franjas da burguesia, embora se possa encontrar noutros estratos) que assenta numa mundividência semi-ortodoxa – crenças oficializadas –, mas fundamentalmente para-heterodoxa, ou mesmo heterodoxa: superstições. Em 2.^o lugar, a piedade popular é também todas as manifestações dessa atitude em práticas significantes diversas mediante o concurso exclusivo ou confluyente de vários discursos (linguístico, gestual, melódico-musical, icónico etc.) que constituem o seu repertório. São expressões da piedade popular tanto um Padre Nosso pequenino, uma benzedura (com o seu texto linguístico, a melodia e os gestos que o acompanham) como um “ex voto”, uma pagela ou um “santinho”.

Refira-se, de passagem, que “piedade” em português é um lexema muito rico: sincretiza uma só palavra os significados que em francês, por

* Recolha oral

exemplo, se encontram separados em *pitié* em *piété*. É evidente que o significado que nos interessa é o correspondente ao segundo vocábulo francês.

2.^a Pelo que já disse na resposta anterior é importante que se comece a pensar num repertório português, no seu arquivo e no seu registo: para um museu ou museus ou ainda para um grande repertório bibliográfico. Para isso seria necessário que algumas instituições se interessassem e apoiassem uma iniciativa destas, tão importante para a conservação do nosso património cultural. Por exemplo, o Instituto do Património Cultural, a sempre mencionada Fundação Calouste Gulbenkian, o Museu de Etnologia e outras instituições.

GRAÇA SILVA DIAS*
(Investigadora do INIC)

1.^a Toma-se difícil, por extremamente complexo na multiplicidade das suas formas, definir uma religiosidade ou piedade popular. Até mesmo uma vivência religiosa por parte do elemento a que se convencionou chamar povo.

Podemos definir a piedade popular, grosso modo, como uma ânsia de transcendência, uma atracção à ultrapassagem das coisas terrenas, algo que é comum a todos os povos.

A piedade popular liga-se, por um lado a uma religião institucionalizada e tem necessidade deste esteio; por outro, o ser humano sente-se coarctado na forma de praticar e assumir e tem necessidade de recorrer à infracção. Recuando até à Idade Média, vemos como a instituição eclesial compreendia este apetite de “desvio” e estabelecia épocas próprias para a prática de todas as inversões: o travesti, a blasfémia, toda a sorte de crítica, incluindo a ridicularização da liturgia.

Parece-nos existir dois estádios do percurso religioso dito popular: um, comunga de uma dimensão rural; outro, insere-se na vida religiosa do mesmo estrato, quando transplantado para o meio urbano. Todavia, importa acrescentar que a piedade popular se apresenta como uma

* Recolha oral

manifestação que se encontra em todas as classes sociais. Lembremos, por exemplo, as missas negras do século XVIII, participadas pela alta aristocracia, assim como, nos nossos dias, as seitas difundidas em áreas económicas e até culturalmente desenvolvidas.

Quando se dá a contaminação da superstição na piedade, vemos a credice (bruzedos de vária espécie, vindos de um passado remoto ou de importação recente) instalada nas mentes populares. Só a libertação desta ganga religiosa (?), nos pode levar a definir o que é hoje uma dimensão religiosa popular. Revivê-la, parece-nos impraticável. Revivificá-la, talvez, substituindo a “pastoral do medo” (segundo a feliz expressão de J. Delumeau) pela “pastoral - cristã - do amor”.

2.^a Penso que era importante que se desenvolvesse um projecto destes no nosso país, desde que se dispusesse de uma equipa, cientificamente formada, para levá-lo a cabo em tempo inteiro. Participando numa Europa avançada culturalmente, não podemos ignorar as nossas raízes, e, portanto, as instituições ligadas à cultura deveriam apoiar um projecto deste género.

ANTÓNIO DA SILVA S.J.*
(Director da revista Brotéria)

1.^a Os termos religião, religiosidade, piedade e até espiritualidade popular, são etiquetas muitas vezes vagas e comumente usadas para indicar um conjunto de fenómenos mais ou menos considerados – para não dizermos desconsiderados – como pertencentes ao domínio do religioso, e também do mágico ou supersticioso. Por estes dois últimos epítetos vêm-se bastantes vezes confinados numa espécie de reserva, de nome “folclore religioso”, em atitude desconsiderada e de desconsideração, tanto para o folclore como para a religião.

Para determinar mais exactamente o fenómeno ordinariamente considerado como religião ou religiosidade popular, diríamos que se trata de expressões religiosas mais espontâneas, mais adaptadas aos comportamentos quotidianos da população geral, mais próximas da

* Recolha escrita.

maneira de ser do povo tido por menos ilustrado, mais imagéticas e simbólicas, mais festivas e mesmo teatrais; mais inculturadas portanto na arte, na literatura, na música, na coreografia, na organização elementar, na história directa, na expressão oral e até no estilo de liderança e na interacção e entreajuda das categorias populacionais chamadas populares. E tudo isto, posto em contraste com as expressões cultivadas e mesmo requintadas, as organizações formalizadas e institucionalizadas com normas jurídicas, os grupos preponderantes e reconhecidos ou instituídos, as expressões literárias das elites socioculturais e religiosas, daria conteúdo aproximado da religião ou religiosidade popular. Nesta ordem de ideias, a oposição religião popular/religião oficial aproxima-se por semelhança e contiguidade da expressão literatura popular/literatura erudita, música popular/música erudita, arte popular/arte erudita, cultura popular/cultura erudita.

Finalmente, o oposto de religião popular é o que se pode chamar religião oficial, ou seja, o conjunto de expressões controladas, se não propostas originariamente ou impostas, pela autoridade religiosa formal de uma das grandes religiões e, particularmente no nosso meio, pela hierarquia católica e seus organismos reconhecidos. No caso católico, porém, importa não esquecer que muitas das expressões populares se encontram reconhecidas ou pelo menos permitidas de maneira definitiva ou provisória, dentro da Igreja Católica, num processo quase espontâneo de inculturação em larga escala.

Se, dentro de uma perspectiva teológica englobante e crítica, houvésemos de apresentar de maneira positiva os conteúdos da religião popular, teríamos de partir do seu núcleo medular, constituído pelas expressões especificamente populares da fé verdadeira e autêntica. É assim que teríamos em conta a realidade de uma fé em busca de uma expressão (nunca perfeitamente alcançada, aliás na cultura do povo simples). Seria uma expressão popular litúrgica ou antes cultural, autêntica, pois a característica qualificadora da liturgia se reserva ao culto oficial; seria uma expressão doutrinal autêntica, ainda que não autoritativa, em linguagem de literatura popular com a sua maneira narrativa imagética e alegórica.

O culto ou piedade popular deve ser talvez o campo mais rico de manifestações religiosas populares, porque aí se apresentam os líderes informais ou costumeiros, os ritos e gestos corporais executados na

veneração do santo, na peregrinação de penitência, na romaria, na festa, desde o recolhimento silencioso da vigília ao arraial rumoroso; na ascese de carácter mortificativo, na oração quer vocal recitativa, quer litânica, quer musicada, sempre ou quase sempre feita de fórmulas e repetições, quer mental ou afectiva, intuitiva, de tendência à visão interior ou ao diálogo; na sacralização dos espaços nos caminhos e nos santuários, com as suas peregrinações e romarias, nos centros de espiritualidade e piedade, nas capelinhas, nos nichos, nas “alminhas”, nos montes altos com estátuas e imagens; na sacralização dos tempos sazonais, nas datas comemorativas, nas novenas ou meses de Maria, ligado tudo ao trabalho ou ao descanso colectivo, ou às carências corporais e espirituais a superar.

Como qualquer expressão da Fé, também as expressões populares exigem purificação e discernimento; mas não é por serem menos sofisticadas do que as expressões oficiais ou oficialmente aprovadas que essa exigência tem de ser maior e não só diferente. Antes somos tentados a dizer, repetindo o malgrado Karl Ranher, que a religião popular, “com a última dinâmica da Graça, recolhe e realiza o humano com todas as suas possibilidades e tem a coragem de ser pagã nesse sentido” (*Schriften zur Theologie*, XVI, 192). Se assim é, cabe à Teologia apenas aproveitar e aprofundar, sem se envergonhar desta que parece ser a parente pobre da Religião, da Sociedade e da Cultura. E será talvez esta a sua problemática teológica de base.

2.^a Por aí será necessário começar imediatamente. Penso que algum grupo se devia interessar por este projecto e ter os necessários apoios.

EDUARDO LOURENÇO*

1.^a O que entende por Piedade popular? – A Piedade Popular é a expressão do sentimento de devoção e de investimento pessoal num objecto de significação religiosa que se situa, em geral, à margem do modelo especificamente eclesial do culto. Podemos mesmo distinguir duas formas de Piedade Popular: uma que exacerba uma devoção

* Recolha oral

consagrada pela tradição e mais ou menos aceite pela prática religiosa comum; e outra, que integra elementos heterogéneos ou heteróclitos, de estrutura sincrética, nos quais se explicita uma dinâmica do imaginário que escapa a qualquer codificação ortodoxamente sancionada.

A Piedade Popular releva de um tipo de pensamento que se pode assimilar àquele a que se refere Levi-Strauss quando escreve a propósito do pensamento selvagem, quer dizer, da técnica do bricolage. Simplesmente aqui tratar-se-ia do bricolage do sentimento e da afectividade e não do pensamento dito racional.

2.^a O levantamento destas formas de Piedade Popular quando for realizado é um elemento de base para o estudo do funcionamento profundo do nosso imaginário. Uma cultura em busca das suas raízes não pode pensar-se e estruturar-se sem ter em conta o conhecimento desta realidade fundamental. E é mais do que tempo que as instituições oficialmente responsáveis pela nossa cultura conceder a um projecto desta natureza o máximo interesse e apoio.

JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS*
(Jornalista e Advogado)

1.^a A piedade popular é a religiosidade imanente ou inerente a todos os povos, embora a uns mais que a outros. Exprime-se das mais diversas formas através de práticas ortodoxas ou heterodoxas dos vários cultos religiosos, e ainda através das múltiplas expressões artísticas e do próprio quotidiano das pessoas. Suponho que é uma presença constante e muito profunda na vida do nosso povo. Hoje, naturalmente, mais sensível e visível nas zonas rurais onde se misturam crenças arcaicas, que correspondem a algumas práticas da vida diária, e muitas vezes se inserem na ortodoxia do catecismo, embora não tão enraizadas, diversificadas e influentes como nalguns países, nomeadamente no Brasil.

Dados os meus interesses dominantes, para mim o mais interessante é observar a influência de piedade popular, tomada no seu sentido mais amplo, na cultura e na criatividade do nosso povo: desde os

* Recolha oral

autos religiosos representados em múltiplas localidades do país (em especial no norte) até às artes plásticas – veja-se a cerâmica – com o exemplo tão expressivo da Rosa Ramalho.

2.^a Sendo totalmente ignorante na matéria, pensava até que já existissem alguns levantamento bibliográficos realizados. Não existindo, é uma palissada dizer que o projecto reveste a maior importância, não só para os especialistas destas matérias, mas igualmente para todos aqueles que se interessam pelas várias disciplinas que lhe estão anexas.

Penso, aliás, que é de estrita obrigação das entidades competentes darem os apoios necessários para a concretização de um levantamento deste tipo, pois não se pode estar sempre à espera que venha um estrangeiro fazer em Portugal aquilo que deviam ser os portugueses a realizar, como aconteceu e acontece, noutra domínio, com a obra magnífica levada a cabo por Michel Giacometti.

DUARTE NUNO SIMÕES*
(Arquitecto)

1.^a Parto do princípio que piedade popular inclui expressões e formas de culto, mais ou menos ligadas às religiões ortodoxas, podendo, no entanto, ligar-se a persistências de memórias inconsciencializadas de religiões e crenças muito antigas.

Tendo, como é natural, uma especial acuidade para problemas do arquitectar e do construir as cidades, sou levado a reflectir de modo a manter as relações que possam existir entre as várias formas de arquitectura e as várias expressões de piedade popular.

Penso que se podem encontrar duas grandes expressões arquitectorais como resposta à diversidade de formas de que a piedade popular se pode revestir. Estas podem ser de um carácter contínuo ou atemporal ou, pelo contrário, podem ser de carácter mais circunstancial. Chamar-lhes-ia arquitecturas perenes e efémeras. Dando exemplos das primeiras, citaria o Santuário do Cabo Espichel; os Mistérios do Espírito Santo, nos Açores; o Santuário de Nossa Senhora, no Sítio da Nazaré; o

* Recolha oral

Senhor Roubado perto de Odivelas. Das segundas, citaria as procissões em louvor do Santo Cristo dos Milagres; as festas dos Tabuleiros, em Tomar e as festas em Campo Maior. Exemplos não faltariam e podíamos ainda acrescentar, tanto para um caso como para o outro, a aposição de registos de azulejos e abertura de nichos nas fachadas dos edifícios, sem contar com os tronos de Santo António, na região de Lisboa, e as cascatas de S. João, na região do Porto.

Se a arquitectura é sempre a construção de um desígnio e se desígnios há a que faltam meios de suporte, compreende-se assim o que pode distinguir, no fundo, a monumentalidade de um grande conjunto como o santuário do Cabo Espichel, da modesta recordação de qualquer ignorado facto, comemorado por um registo em azulejo. Todavia um e outro estão ligados por um invisível fio de Ariana: o novo espaço que criaram ou aquilo que, discretamente, influenciaram, ambos, repito-me, expressões, entre tantas outras, de piedade popular.

2.^a Portugal é hoje um país que faz parte do conjunto daquilo a que se chama C.E.E.. O mais importante, quando se entra numa comunidade tão forte é manter e aprofundar a nossa identidade, conhecer as nossas raízes. E, diria que se aqueles que produzem a cultura a que chamamos erudita devem ser conhecidos e aprofundados, por maioria de razão a cultura, as culturas ditas populares, mais espontâneas, devem ser empenhadamente estudadas. O que significa que são precisos meios financeiros, humanos e científicos para o fazer, como diria o Senhor de La Palisse...

Agradecemos muito a prontidão e o interesse manifestados a todos os que colaboraram connosco, apresentando aos leitores as perspectivas variadas dos seus preciosos testemunhos.

(Entrevistas conduzidas por Maria Ivone de Ornellas de Andrade)

IV. O REPERTÓRIO INTERNACIONAL DE PIEDADE POPULAR ORGANIZAÇÃO E METODOLOGIAS

Parallèlement aux travaux poursuivis en France et à la publication, par fascicules régionaux de *La piété populaire en France. Répertoire bibliographique*, le programme est étendu aux pays étrangers.

I – LES PRINCIPES

A – Projct scientifique

1 – Esprit du programme.

Il s'agit d'établir une bibliographie thématique et raisonnée (chaque référence est suivie d'un commentaire) des ouvrages, articles de revues, même modestes, et travaux universitaires concernant la piété populaire du Moyen Age à nos jours, parus depuis environ 1960, afin de

- mettre à la disposition du monde scientifique un instrument de travail,
- faire connaître sur le plan international les travaux accomplis dans chaque pays,
- faciliter les échanges entre les chercheurs et les groupes de travail: échanges de travaux, échanges de méthodes,
- permettre des études à caractère comparatiste.

2 – Structures du programme

– Emploi dans tous les pays de la même grille spécifique à la piété populaire et des mêmes fiches-types. La rédaction des fiches et de l'ensemble est uniformisée.

3 – Publication

La forme de la publication internationale se présente de la manière suivante:

– la couverture comprend deux parties

a) un bandeau, en français, commun à tous les ouvrages:

LA PIETE POPULAIRE. REPERTOIRE BIBLIOGRAPHIQUE

Collection internationale dirigée par Bernard PLONGERON et Paule LEROU, avec le sigle du GRECO n.º 2-C.N.R.S.

b) toutes les autres indications inscrites sur la couverture (nom du pays, des régions, des auteurs, la toponymie, etc.) sont portées **DANS LA LANGUE PROPRE DE CHAQUE PAYS.**

– Les références sont données dans la langue originale; le commentaire est bilingue, dans la langue du pays puis traduit en français, c'est-à-dire, dans le cas présent, d'abord en portugais, puis en français.

– La collection garde la même forme, les mêmes normes typographiques, sous le contrôle du GRECO n.º 2. Brepols, éditeur de la Brepols, éditeur de la collection française est aussi éditeur de la collection internationale et établit des accords de coédition, avec un éditeur de chaque pays.

4 – Informatisation

Un programme d'informatisation générale des collections française et étrangères est prévu. Il fournira une banque de données au monde scientifique. Il permettra la mise à jour périodique de la bibliographie, une information rapide et facilitera les études comparées. Il exige à présent la normalisation des références, classements et commentaires.

B – ORGANISATION DU TRAVAIL

De même que la collection française, la collection internationale est placée sous la direction de Bernard Plongeron et Paule Lerou.

Dans chaque pays partenaire, des responsables nationaux prennent en charge le répertoire et forment leurs équipes.

Le travail présente deux niveaux:

1 – les recherches et l'établissement des fiches

2 – la rédaction définitive qui est accomplie au niveau national ou régional.

Le bon déroulement du programme nécessite que les responsables nationaux travaillent en étroite collaboration avec la responsable internationale de l'objectif: traduction de la grille, examen des fiches en cours d'établissement afin de vérifier leur bonne conformité, puis examen définitif des fiches, traduction des commentaires et rédaction en commun.

La précision du travail nécessite de faire appel à des personnes déjà qualifiées, professeurs, chercheurs, archivistes, bibliothécaires, etc..

Par exemple, en France, les fiches sont établies par département et la rédaction s'accomplit par région. Les équipes comptent actuellement 85 personnes, soit: 2 chercheurs au C.N.R.S., 22 professeurs et assistants d'universités, 18 professeurs de lycée, 15 archivistes et bibliothécaires, 11 ecclésiastiques, 17 personnes d'origines diverses, notamment des membres de sociétés savantes.

Au Québec, c'est le Père Benoît Lacroix et ses assistants, membres de l'Institut québécois de recherche sur la culture et des universités, qui ont pris en charge le répertoire, paru en 1989.

En Italie, le répertoire commencera par le Mezzogiorno, pour lequel le professeur Gabriele De Rosa a réuni des équipes, composées, par régions, de membres issus des universités et instituts du Sud de l'Italie.

En Allemagne, trois professeurs se chargent des trois groupes de régions: Allemagne du Nord, Sud et Centre. En Pologne et en Grèce le travail a été entrepris. Des contacts sont pris avec d'autres pays.

II – LA GRILLE THEMATIQUE

Sans vouloir ici en donner une description complète, on insistera sur quelques points marquants.

A – Remarques générales

1 – Cette grille s'articule en 9 grands thèmes, eux-mêmes détaillés en rubriques. Entre parenthèses, ont été placés des exemples destinés à préciser, expliquer et éclairer le sens de la rubrique.

2 – Le choix des thèmes et rubriques repose sur des données

uniquement descriptives, qui correspondent aux différents aspects de la vie religieuse chrétienne et juive. C'est délibérément que nous avons voulu nous borner à une visualisation descriptive des phénomènes culturels, quelle que soit la charge théologique qu'ils sont susceptibles d'impliquer. C'est volontairement que nous n'avons pas fait de catégories distinctives pour les différentes confessions.

3 – Une catégorie “0” (A0, B0, etc.) permet de faire état des quelques rares ouvrages dont le contenu particulier rendrait impossible la référence aux cas précis “1”, “2”, “3”, etc. Elle ne doit être utilisée qu'en cas de nécessité.

B – Les thèmes

– Si le thème “A” est consacré à la méthode aux si le thème “A” est consacré à la méthode, aux sources et aux problèmes qui ont été largement expliqués dans les réponses aux questions posées, les autres thèmes répondent à des caractéristiques très précises.

– Le thème “B” contient tout ce qui concerne les ouvrages de piété, vies de saints, cantiques, prières, prédication. La rubrique “B6” Martyrs et justes: il s'agit de personnages, qui ne sont pas considérés comme des saints à proprement parler, mais qui, soit ont porté un témoignage, soit connaissent une vénération populaire particulière, par exemple, en France, certains protestants des Cévennes, ou encore des personnes, “bleues” ou “blanches” assassinées à l'époque de la Révolution et auxquelles est rendu un culte.

– Dans le thème “C” sont rassemblés tous les lieux de culte quelles qu'en soient les formes. C4 “Espace sacré” est une expression qui recouvre une double réalité, d'une part des lieux de culte, non bâtis, (n'entrant pas dans les autres rubriques du thème “C”) ainsi un bois, une montagne, etc., mais aussi une notion plus complexe, celle d'un espace “sacralisé” par la présence ou le passage d'un “corps saint” lors de la procession. Des colloques, en France, ont pris pour sujet cette notion dans les deux sens du terme.

– Le thème “D” comporte tout ce qui se rapporte aux pèlerinages et aux cultes, sous toutes leurs formes: sans négliger les grands pèlerinages, souvent marials, il faut aussi s'attacher à toutes les formes de pèlerinages locaux, à tel saint.

– Le thème “E”: les fêtes et la gestuaire. Cette dernière notion recouvre toutes pratiques et gestes qui ont dans la piété populaire une place particulièrement importante car c'est une forme d'expression de la foi de ceux qui ne disposent pas facilement de la parole: on peut dire qu'à côté du langage des mots existe le langage des gestes. Au sujet de la rubrique “E2”, Fêtes patronales: l'explication entre parenthèses, attire l'attention sur les deux réalités du titulaire et du patron. Le titulaire est le “patronus ecclesiae”, souvent un grand saint, un apôtre, un saint évêque; le “patronus loci”, protecteur des habitants, est un saint populaire. Si la catégorie E5, concerne les pratiques dites “en marge” ou marginales, la sorcellerie notamment, E6 recouvre des pratiques souvent folkloriques qui s'ajoutent aux célébrations liturgiques ou patronales, sans pour autant avoir un aspect maléfique, par exemple, la coutume de peindre des oeufs de Pâques.

– Dans le thème “F” sont placés les miracles, les révélations des visionnaires qu'ils aient été ou non reconnus par l'Eglise.

– Les différents types de confréries sont rassemblées sous le thème “G”. En font aussi partie certaines associations, qui, surtout chez les gens de métiers, ne portent pas le nom de “confréries”, mais qui sont parfois héritières d'anciennes confréries et qui surtout en ont gardé les activités et l'esprit: protection d'un saint, cérémonie religieuse, culte des morts, pratique de l'entraide et de la charité.

– Si les principaux objets de culte sont placés sous le thème “H”, leur destruction, comme celle des bâtiments culturels du fait des guerres, d'oppositions diverses, occupe la dernier thème “I”. “I4”, fait intervenir la notion “d'indécence”, terme employé par les visiteurs pastoraux qui voulaient faire supprimer telle statue, soit parce qu'elle était en trop mauvais état, soit surtout parce que la représentation du saint ne leur semblait pas conforme à la norme qu'ils estimaient “bonne” en leur temps. Par exemple tel vicaire général, dans la région parisienne, voulut faire supprimer, au XVIIe siècle, une statue de saint Martin, car il était représenté à cheval, et non en évêque. Dans ce genre d'affaires, la résistance passive des populations est tout à fait remarquable: elle illustre un aspect de la rubrique “A5”, Rapport du populaire et des clercs.

III – TRAVAIL PRATIQUE

1 – Recensement de TOUS (sans sélection) les écrits concernant la piété populaire de la fin du Moyen Âge à nos jours (à l'exclusion des écrits purement archéologiques ou portant sur la seule l'institution ecclésiastique):

les livres,

les articles de revues, de toutes sortes de revues, nationales, régionales, locales, bulletins diocésains, paroissiaux, de sanctuaires, de pèlerinages, éventuellement journaux,

les thèses et tous les travaux universitaires même dactylographiés à condition qu'ils soient consultables (indiquer où: université, bibliothèque, etc.).

2 – Le cadre géographique: le pays.

Chaque pays comprend un ou plusieurs volumes. C'est la piété populaire dans le pays qui importe et non pas le lieu de publication de l'ouvrage. Par exemple un ouvrage sur Fatima, paru à Paris, appartient au répertoire portugais, à l'inverse, un livre, paru à Lisbonne, sur la piété populaire en France, au répertoire français.

3 – Chaque référence est suivie d'un commentaire qui a pour but d'informer le lecteur sur le contenu de l'ouvrage. Il doit éviter tout jugement de valeur subjectif, mais donner des éléments dont pourront être tirés les mots clés, lors de l'informatisation: limites chronologiques, géographiques, méthode employée, évolution du sujet, apport de l'ouvrage, etc.

4 – Les références sont classées suivant la grille thématique. Le classement principal détermine la place de l'ouvrage dans le répertoire. Pour les écrits à intérêt multiple, des classements secondaires sont indiqués. Par exemple un ouvrage sur telle église paroissiale trouvera sa place en C1, mais si l'auteur parle aussi de statues et d'ex voto, on ajoutera H1 et H4. En consultant l'index des classements secondaires, un chercheur qui s'intéresse aux ex-voto pourra retrouver cet ouvrage, alors que le titre n'aurait pas attiré son attention.

5 – En plus d'un index des classements secondaires, un index des noms d'auteurs, un index topographique, la liste des instituts, sociétés savantes et revues, ainsi qu'une carte du pays complètent utilement le répertoire.

L'intérêt d'un tel ouvrage de référence n'est plus à prouver: les premiers tomes parus sont largement utilisés par les chercheurs. L'établissement des fiches est à peine commencé, en Italie, que, déjà, ont pu être mis en contact des chercheurs italiens et français, travaillant, au niveau de leur région respective, sur un même sujet. Mieux encore le répertoire est révélateur des différences de mentalités d'une région à l'autre et, plus encore, d'un pays à l'autre: la pauvreté de certaines rubriques ou, au contraire, le gonflement de certaines autres (par exemple la rubrique A5 au Québec), en sont les signes tangibles.

(Paule Lerou, C.N.R.S., Greco n.º 2
Histoire religieuse moderne et contemporaine)

V – A GRELHA TEMÁTICA INTERNACIONAL E A TRADUÇÃO PORTUGUESA

GRILLE THEMATIQUE

A – METHODE, SOURCES ET PROBLEMES

- A1 – Méthodes d'étude de piété populaire
- A2 – Problèmes des sources écrites
- A3 – Problèmes des sources orales
- A4 – Problèmes de sources iconographiques,
l'art populaire, les "écoles", rapports
avec l'art savant etc...
- A5 – Rapport du populaire et des clercs
- A6 – Ouvrages généraux d'intérêt régional
- A0 –

B – LITERATURE DE PIETE ET PREDICATION

- B1 – Littérature de piété
- B2 – Hagiographie et sa diffusion
(brochures de vies de saints)
- B3 – Pières
- B4 – Cantiques
- B5 – Prédication
- B6 – Martyrs et justes
- B0 –

C – LIEUX DE CULTE (PAROISSES, TEMPLES, SINAGOGUES)

- C1 – Eglise paroissiale (bâtiment,
titulaire, patron, autels)
- C2 – Chapelles et oratoires
- C3 – Fontaines
- C4 – Espace sacré
- C5 – Vie paroissiale
- C6 – Croix et calvaires
- C7 – Cometiers
- C0 –

D – PELERINAGES ET CULTES

- D1 – Routes de pèlerinage
(surtout locales)
- D2 – Pèlerinages marials
- D3 – Autres pèlerinages
- D4 – Culte des saints
- D5 – Pratiques dans les pèlerinages

GRELHA TEMÁTICA

A – MÉTODO, FONTES E PROBLEMAS

- A1 – Métodos de estudo de piedade popular
- A2 – Problemas das fontes escritas
- A3 – problemas das fontes orais
- A4 – Problemas das fontes iconográficas:
a arte popular, as "escolas", relações
com a arte dita erudita etc...
- A5 – Relação entre o povo e o clero
- A6 – Obras gerais de interesse regional
- A0 –

B – LITERATURA DE PIEDADE E PREGAÇÃO

- B1 – Literatura de piedade
- B2 – Hagiografia e sua difusão
(brochuras de vidas de santos)
- B3 – Orações
- B4 – Cânticos
- B5 – Pregação
- B6 – Mártires e justos
- B0 –

C – LUGARES DE CULTO (Paróquias, Templos Protestantes, Sinagogas)

- C1 – Igreja paroquial (edifício, titular,
padroeiro, altares)
- C2 – Capelas e oratórios
- C3 – Fontenários
- C4 – Espaço sagrado
- C5 – Vida paroquial
- C6 – Cruzeiro e calvários (alminhas,
Senhora dos caminhos...)
- C7 – Cemitérios
- C0 –

D – PEREGRINAÇÃO E CULTOS

- D1 – Caminhos de peregrinação
(Sobretudo locais)
- D2 – Peregrinação marianas
- D3 – Outras peregrinações
- D4 – Culto dos santos
- D5 – Práticas nas peregrinação

D6 – Ressemblements populaires (associations)

D0 –

E – FETES POPULAIRES ET GESTUAIRE

E1 – Fêtes liturgiques (Pâques, Noël...)

E2 – Fêtes patronales (la fête patronale de la paroisse est sous la protection du saint patron qui peut être différent du titulaire de l'église)

E3 – Processions et itinéraires processionels

E4 – Fêtes et pratiques de la vie religieuse individuelle ou familiale (baptême, mariage, mort, testaments...)

D5 – Pratiques en marge (sorcellerie, etc.)

E6 – Autres pratiques

E0 –

F – MIRACLES

F1 – Liés à la nature (soleil qui tourne...)

F2 – Liés aux sacrements (hostie...)

F3 – Liés à l'homme (guérisons, etc.)

F4 – Visionnaires et "prophètes"

F0 –

G – CONFRERIES ET LEURS COUTUMES

G1 – De dévotion

G2 – Charités

G3 – De pénitents

G4 – De métiers (ne pas prendre le terme "confrérie" dans une acception trop étroite)

G0 –

H – OBJETS DE CULTE

H1 – Statuaire

H2 – Scènes sculptées, tableaux, vitraux

H3 – Bannières, bâtons de processions

H4 – Ex-voto et graffiti

H5 – Images pieuses

H6 – Objets de culte individuels (chapelets, médailles etc.)

H7 – Reliques

H0 –

I – ICONOCLASTIA (destruction des bâtiments et objets de culte)

E – FESTAS POPULARES E RITUAIS

E1 – Festas Litúrgicas (Páscoa, Natal...)

E2 – Festas do orago (a festa do padroeiro da paróquia está sob a protecção de um santo – padroeiro – que pode não ser o titular da igreja)

E3 – Procissões e itinerários procissionais

E4 – Festas e práticas da vida religiosa individual ou familiar (baptismo, casamento, morte, testamentos...)

E5 – Práticas marginais (bruxaria etc.)

E6 – Outras práticas

E0 –

F – MILAGRES

F1 – relacionados com a natureza (sol que gira)

F2 – relacionados com os sacramentos (a hóstia)

F3 – Relacionados com o homem (curas etc.)

F4 – Videntes e "profetas"

F0 –

G – CONFRARIAS E COSTUMES

G1 – De devoção

G2 – De caridade

G3 – De penitentes

G4 – De ofícios (não dar ao termo "confraria" uma aceção

G0 –

H – OBJECTOS DE CULTO

H1 – Imagens

H2 – Cenas esculpidas, quadros rituais

H3 – Pendões, bastões de procissão

H4 – Ex-voto e inscrições

H5 – Imagens piás em papel, santinhos

H6 – Objectos individuais de culto (terços, medalhas)

H7 – Relíquias

H0 –

I – ICONOCLASTIA (destruição de edifícios e objectos de culto)

PIEIDADE POPULAR

I1 – Du fait des guerres et des gens de guerre	I1 – Devido a guerras e exércitos
I2 – Du fait d'une opposition religieuse (Réforme)	I2 – Devido a oposição religiosa
I3 – Du fait d'une opposition idéologique (révolutions ou attribué aux révolutions)	I3 – Devido a oposição ideológica (revoluções ou atribuída a revoluções)
I4 – Du fait de l'autorité religieuse ("indécence", iconoclasme contemporain)	I4 – Por iniciativa da autoridade religiosa (destruição de objectos considerados impróprios para o culto, iconoclastia contemporânea)
I5 – Iconoclasme individuel (contre telle statue de saint, etc.)	I5 – Iconoclastia individual (contra uma imagem etc.)
I0 –	I0 –

VI. A PROPÓSITO DA GRELHA TEMÁTICA

A grelha temática que se apresenta é essencialmente um instrumento metodológico de trabalho que foi aplicado à inventariação do tema da piedade popular, nos diferentes países que se encontram a colaborar com este projecto do C.N.R.S., permitindo operacionalizar num curto espaço de tempo um levantamento que se pretende exaustivo e simultaneamente sistematizado. Apresenta-se, pois, aos olhos dos seus potenciais utilizadores como pragmática e racionalizada, abarcando nove grandes áreas temáticas, que se subdividem em aspectos particulares, não deixando de fora a margem do infinito, ou seja das dispersões temáticas, assinalada em todos os grupos pela classificação *zero*.

Em termos de análise intrínseca parece-nos de realçar a preocupação metodológica que o Grupo A – Método, Fontes e Problemas propõe em destaque. Área de âmbito epistemológico onde se incluem as questões teóricas, desligadas dos casos concretos, pontuais e particularizantes que os restantes grupos contemplam e encaixam na sua sistematização.

Mas se esta é a primeira leitura do utilizador, quando este se dirige às Bibliotecas logo começam a surgir as dúvidas, os problemas e por vezes algumas ansiedades que são resultantes do modelo standardizado desta "grelha temática". Em que grupos incluir este ou aquele pequeno artigo ou peça iconográfica? E a pergunta subsiste, essencialmente, quando se trata de cultos muito particularizados e ligados a aspectos

locais da sociedade portuguesa, caso, por exemplo, das relações entre medicina popular e os rituais místicos ou personalidades e objectos de culto que não são reconhecidos oficialmente pela instituição eclesiástica. Outro conjunto de problemas está relacionado com a arrumação dos temas oriundos das ex-colónias e que nos surgem até 1974. E as traduções, devem, também elas, ser contabilizadas, implicando uma autonomia própria?

Concluindo. Esta grelha levanta algumas dúvidas, obriga o seu utilizador a tomar decisões e a ir gradativamente sistematizando o material recolhido. Para trás fica o acumular individual de fichas, que depois, numa outra fase, seriam organizadas. Aqui há um trabalho essencialmente colectivo e em termos concertados; procedimentos metodológicos, de pesquisa, classificação e tratamento do material que têm de ser comuns quer a nível nacional, quer a nível internacional, pois só assim pode ter sentido e aplicação os reportórios bibliográficos já publicados e os que se encontram em fase de elaboração.

(Maria de Fátima Nunes)

VII. O REPERTÓRIO BIBLIOGRÁFICO PORTUGUÊS – A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Pontos de Partida

Foi o núcleo de História das Ideias do Centro de História da Cultura que, por convite do Prof. Bernard Plongeron, aceitou levar a cabo a recolha e organização da bibliografia portuguesa sobre piedade popular para assim dar corpo ao volume relativo ao nosso país na colecção internacional.

De há um ano para cá vem uma equipa de catorze investigadores do Centro realizando toda uma série de operações e de recolhas conducente à concretização da primeira fase de trabalho que terá o seu termo em Novembro de 1989 com a vinda a Portugal de Madame Paule Lerou e do Prof. Bernard Plongeron que, connosco, farão o ponto crítico da situação. Em que consistiu essa primeira fase de trabalho é o que passamos a explicitar.

A Organização da Equipa

Saliente-se que todos os investigadores têm uma reunião de conjunto, mensal, para debate de problemas da recolha sobretudo os relativos à classificação temática de acordo com a grelha que envolvem, normalmente, aferições de conceitos operatórios ou concretização de temas e objectos do mundo da piedade popular. Entre cada uma dessas reuniões cada investigador trabalha individualmente podendo recorrer sempre que necessário à responsável científica do projecto Prof.^a Zília Osório de Castro ou aos coordenadores de actividades, dois elementos da equipa designados no início de cada ano lectivo. É também nas reuniões da equipa que se estabelece a divulgação das normas ou indicações que vão chegando do C.N.R.S. e que os coordenadores centralizam. Tem-se mostrado este método de trabalho bastante eficaz e com interesse a vários níveis desde aquele que os objectiva, o prosseguimento da recolha, até ao alargamento dos conhecimentos sobre piedade popular e seu mundo resultante dos debates, leituras orientadoras e pequenas sessões de apoio com o desenvolvimentó de temas por forma a melhor captação do sentido das obras levantadas para o Repertório. Os trabalhos de Novembro com os responsáveis internacionais do projecto constituem uma dessas reuniões mensais.

A Grelha Temática

A primeira tarefa realizada pela equipa foi a tradução da grelha temática internacional de francês para português. Como pode comparar-se no exemplar transcrito neste “dossier” tentou-se uma tradução palavra a palavra apenas se alterando algumas designações próprias do âmbito português. Aferida essa tradução assim que realizada e depois de aplicada a algumas centenas de artigos por ela classificados podemos considerar satisfatório o resultado conseguido.

Mas, se a tradução fiel (sistemática) da grelha resolve grande parte dos problemas de classificação e a mantém no espírito com que foi concebido, o nível da sua compreensão envolve mais dificuldade, ainda agora. Logo com a tradução, depois, ao ser testada numa mostra bibliográfica e, hoje, com a continuação do trabalho, temos que referir o seu carácter de base fortemente francês, afirmando realidades e atitudes

que nos são longínquas e deixando na sombra outras que muito mais nos tocam. Fomos assim obrigados a uma segunda tradução da grelha, esta compreensiva e descritiva de cada um dos chavões aí enunciados e que se vem realizando com a prática de recolha e classificação.

Amanhã, no final do trabalho, uma explicação se imporá em que se justifique a leitura dos tópicos da grelha que ganharam dimensões entre nós que são de menor monta no pensamento inicial dos seus arquitectos (v.g., culto mariano, romarias, culto de santos que não oragos,...).

Primeira Fase do Levantamento – artigos de revista

O levantamento de material para o Repertório iniciou-se com os artigos de revista. Tal decisão tem a ver com dois aspectos importantes: em primeiro lugar a morosidade que tal recolha impõe, não só pela diversidade de títulos e conteúdos como pela dificuldade (que se tem mostrado bem palpável) de reconstituir séries completas de cada uma das revistas; em segundo lugar porque as notas de rodapé, recensões críticas e apontamentos de corpo dos artigos nos têm permitido constituir um amplo ficheiro de referências bibliográficas que constituirão o nosso ponto de partida para a recolha de monografias.

Por forma a criar uma unidade centralizámos, até agora, toda a nossa investigação no núcleo de publicações periódicas da Biblioteca Nacional. Assim, procedeu-se a um levantamento de todas as revistas em depósito desde 1960, qualquer que seja o seu tema ou proveniência. Depois, foram elaboradas duas fichas escantilhão que servem de base à recolha de cada investigador. A primeira dessas fichas contém todos os dados biblioteconómicos tal como fixados a nível internacional para o Repertório, além de um espaço para o resumo do artigo e sua classificação provisória, de acordo com a grelha. A segunda é uma simples ficha bibliográfica onde os investigadores devem inscrever todos os dados conseguidos de monografia que tenham interesse futuro e que foram detectados nos artigos a ser trabalhados.

Do trabalho até agora realizado houve bons resultados e algumas dificuldades. Estas têm a ver, mais que tudo, com a dificuldade de acesso a grande número de publicações periódicas na Biblioteca Nacional, ou por falta em depósito, ou por não estarem à consulta (problemas de tratamento e de encadernação). Cremos, porém, que em fase seguinte

essas dificuldades vão ser ultrapassadas pelo recurso a autorizações especiais de consulta nessa mesma biblioteca e com o recurso a outros depósitos de periódicos.

Um primeiro balanço permite-nos considerar rica a produção sobre piedade popular ao nível do pequeno artigo, de divulgação ou de cariz local, muitas vezes fortemente confessional (é enorme o peso dos múltiplos “jornais” paroquiais), mas também a falta de revistas de grande expansão ligadas ao tema ou onde o tema tenha peso significativo.

A Classificação Inicial

Como dissemos cada ficha de recolha comporta um espaço para uma classificação inicial assim como as classificações cruzadas, ou seja, as alíneas de classificação consideradas paralelas à principal. Cada investigador ao recolher o artigo e ao realizar o seu curto resumo fica sendo o agente melhor categorizado para conferir esta classificação. Claro está que ela é um índice a ser revisto. Assim, a classificação inicial é realizada logo no momento da recolha. Depois compete aos coordenadores agrupar as fichas de acordo com o esquema da grelha e aferi-las entre si. As que pelos dados do resumo entram em descrição com a linha geral são devolvidas àquele que primeiro as classificou que tornará a rever as indicações dadas. Também as classificações secundárias são revistas por forma a que o tema fique melhor denotado e enquadrado no esquema temático. No final da recolha proceder-se-á a nova aferição das classificações atribuídas a cada artigo recenseado.

Prosseguimento do Trabalho e Ponto da Situação

Do trabalho até agora realizado ressaltam três aspectos importantes que condicionarão todo o avanço da investigação:

1. A temática está muito dispersa por publicações muito variadas o que torna morosa a pesquisa. Assim sendo cremos que a equipa terá que vir a ser enriquecida com o trabalho contínuo de dois ou três investigadores (bolseiros ou tarefeiros) que a tempo inteiro dediquem ao trabalho os seus esforços.

2. Tem resultado o esquema organizativo do trabalho, quer quanto ao funcionamento do grupo de investigadores, quer quanto ao nível

material metodológico (esquema das fichas, ficheiros e aferições) pelo que cremos que teremos apenas de o manter e aperfeiçoar sempre que necessário.

3. Só com o apoio continuado do Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa e do Centre National de Recherche Scientifique, GRECO N.º 2, de Paris, que têm este projecto como parte integrante das suas actividades, a pesquisa poderá continuar e concluir-se.

(António Camões Gouveia)

VIII. O ÚLTIMO VOLUME DO REPERTÓRIO. NOTA DE LEITURA

La piété populaire en France, répertoire bibliographique, tome V (Rouergue Lanquedoc – Roussillon) CNRS – GRECO n.º 2 Brepols, 1988

No quadro da ampla pesquisa bibliográfica sobre Piedade Popular, que o GRECO – 2 do CNRS, orientado pelo Prof. Plongeron e por Paule Lerou, tem desenvolvido em França, este volume é o 5.º a surgir após o:

- Tomo I: Normandie, Picardie Nord-Pas-de-Calais (1984).
- Tomo II: Lorraine, Alsace (1984).
- Tomo III: Bourgogne, Franche – Comté, Massif Central Rhône – Alpes (1985).
- Tomo IV: Bretagne, Maine - Touraine, Anjou - Poitou (1988).

Para publicação em breve encontra-se o tomo VI dedicado à Provence, Côte d'Azur e Corse e o 1.º tomo de “La piété populaire au Canada. Répertoire bibliographique”, dedicado ao Québec e dirigido também por B. Plongeron e P. Lerou.

Em preparação estão, neste momento, os números consagrados a Espanha, Itália e Portugal.

Este tomo que temos entre mãos, à semelhança dos outros, foi organizado de acordo com a grelha temática que se pode consultar neste dossier, (Ponto V).

A bibliografia recolhida no Languedoc-Roussillon é muito superior em número à relativa a Rouergue, atendendo a que esta região é

PIEIDADE POPULAR

bastante mais pequena que aquela. No levantamento bibliográfico de Rouergue as secções mais recheadas são a C, relativa aos locais de culto, com mais de 90 títulos e a E, sobre festas populares, que regista acima de 60 títulos. A entrada respeitante a milagres (F) só tem 1 título. Percorrendo a bibliografia é notória a predominância de artigos de revista, sobretudo de revistas regionais. As monografias são escassas.

No Languedoc as tendências não são muito diferentes das registadas em Rouergue, havendo apenas a assinalar a existência de um grande núcleo bibliográfico em torno da entrada A (Métodos, fontes e problemas), que só é superada quantitativamente pelo núcleo C.

(Ana Maria Pina)